

APRESENTAÇÃO/PRESENTACIÓN

Um dossiê, muitas vozes¹

1. Um campo, um cenário, uma pandemia, uma convocação

A produção científica é um elemento importante para a consolidação e o reconhecimento de um campo social como espaço organizado e qualificado de produção de conhecimentos. A Comunicação e Saúde traz na sua gênese – considerando particularmente o cenário latino-americano – uma vinculação muito forte com as políticas e as práticas da saúde pública. Essa tradição fez com que por muito tempo a maioria de seus pesquisadores privilegiasse os trabalhos com forte acento empírico, contemplando as políticas e práticas das instituições sanitárias (nacionais e internacionais), com acentuada ênfase na modalidade “campanhas”, buscando observar os efeitos destas sobre as atitudes e hábitos das populações, considerados vetores de desenvolvimento e – a partir dos anos 1980 – de promoção da saúde. Embora correspondendo a circunstâncias daquele momento histórico e tendo ajudado a compreender a importância da comunicação nos processos sanitários, esse foi um dos elementos que dificultaram que a área pudesse ser percebida como lugar também da produção de um pensamento crítico e de desenvolvimento teórico-conceitual e metodológico.

Mas, nos últimos 20 anos, aquilo que vinha sendo, desde os anos 1990, um esforço isolado de alguns pesquisadores da comunicação e da saúde coletiva – uma parte deles vinculados a instituições científicas da saúde – começou a ser adensado nessa direção, apoiando-se na conformação de elementos que são constitutivos do fazer científico: surgiram cursos de pós-graduação (especialização, mestrado

e doutorado), grupos de pesquisa formalizados em instâncias científicas dos vários países, grupos de trabalho nos congressos das áreas de comunicação e de saúde, cresceu o volume de publicações – artigos, livros e capítulos de livros e surgiram periódicos especializados no tema e foram lançados números especiais dedicados à Comunicação e Saúde, em periódicos das duas áreas temáticas.

O crescimento e o adensamento científico, que corresponderam a um movimento das ideias e suas realizações concretas, foram possibilitados pelas condições favoráveis criadas por um processo multifacetado. Entre outras, destacamos o aumento da centralidade de dois elementos na vida social: por um lado, o da comunicação, motivado sobretudo pela avassaladora emergência e desenvolvimento da tecnologia digital; por outro, o da saúde, que se tornou um dos grandes temas de atenção no mundo inteiro, como se pode inferir das grandes audiências de programas midiáticos a ela dedicados, de editoriais/colunas/encartes especializados nos grandes jornais e como comprovam as frequentes e inúmeras enquetes que sinalizam os temas de grande preocupação da população². Acrescentamos o lento, mas progressivo reconhecimento – pelo próprio campo comunicacional – da legitimidade científica das especialidades temáticas da comunicação.

Os temas de pesquisa foram também se diversificando, correspondendo por um lado, às novas questões que se apresentavam ao campo, mediante principalmente a intensificação do processo de midiaticização da sociedade. Por outro lado, como resposta à emergência de demandas do campo da

14

¹ O título é uma referência direta ao documento “Um Mundo e Muitas Vozes - Comunicação e Informação na nossa época”, também conhecido como Relatório MacBride, publicado em 1980 e que pôs em causa a desigual distribuição dos fluxos globais de informação, propugnando por uma nova ordem comunicacional mundial, marcada por uma perspectiva mais dialógica e equitativa.

² A exemplo do recente resultado do Trends, Brasil, sobre a busca de temas políticos nas eleições municipais de 2020. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/10/saude-e-o-tema-politico-de-maior-interesse-no-google-durante-as-eleicoes.shtml>, acessado em 15/01/2021, Edição de 21 de outubro de 2021, da Folha Uol. Segundo a reportagem, esse resultado já se manifestava desde antes de março, sendo ampliado posteriormente.

saúde, que se viu a braços com uma sequência de novos agravos, muitos de origem epidêmica e que requereram (re)pensar a dimensão comunicacional desses eventos, à semelhança do que ocorrera nos anos 1990 com a Aids. Dengue, H1N1, zika, chikungunya, febre amarela, sarampo... Também adquiriram relevância midiática outros agravos da saúde, a exemplo do câncer, Alzheimer, depressão etc., que passaram a constituir objetos de atenção dos pesquisadores da Comunicação e Saúde.

Por essa via, lado a lado com os estudos sobre práticas e políticas de saúde, ganharam lugar as análises midiáticas de temas da saúde, privilegiando-se jornais e revistas de grande circulação, através de análises de conteúdo que avaliam a incidência temática e de análises de discursos, que buscam entender os processos de produção social dos sentidos da saúde. Aos poucos também surgiram análises sobre esses conteúdos nos telejornais e, de maneira bem mais intensa, nas redes sociais e outros espaços do mundo digital.

Outros temas foram emergindo, embora com menor presença ou mesmo de forma localizada. Entre outros, as relações entre pacientes e profissionais de saúde; os estudos sobre o manejo midiático e institucional da noção de risco em saúde; o sofrimento e o testemunho como categorias analíticas importantes; o direito à comunicação, de forma indissociável do direito à saúde; a (in)visibilidade – de temas, de agravos da saúde e de atores sociais nas políticas e estratégias de saúde e nos meios de comunicação; a medicalização da vida; as lutas das mulheres pelo direito a decisões sobre seu próprio corpo; o processo de mediação das instituições; os movimentos antivacina, as *fake-news*. Com a pandemia, eclodiram muitos trabalhos sobre o tema da infodemia³ e sobre

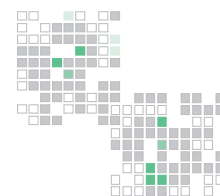
o negacionismo⁴.

Nesse contexto veio a chamada para um Dossiê sobre Comunicação e Saúde, que recebeu o título de “Comunicação e Saúde frente aos desafios planetários”. Nossa ideia era aproveitar a oportunidade oferecida pela Revista ALAIC para reunir a produção científica da Comunicação e Saúde que estivesse se dedicando a temas, questões e problemas que, embora ancorados em territórios específicos, locais ou nacionais, tivessem maior abrangência, por isto falamos – ambiciosa e propositalmente – em desafios planetários. Nossa expectativa era de que o conjunto dos artigos do Dossiê pudesse ajudar a examinar e compreender algumas dessas questões que o mundo contemporâneo enfrenta, mas sob um enfoque do pensamento comunicacional em sua interface com o campo da saúde. Apoiamo-nos na premissa de que esses temas e problemas, seja qual for seu ângulo de observação – político, ambiental, sociológico, geográfico, histórico, antropológico etc. – são atravessados por duas dimensões: a da comunicação e a da saúde.

Sabíamos que o cenário já incluía essas abordagens, mas de forma tímida, quase sempre através das dissertações e teses e os artigos e capítulos de livro resultantes. Da mesma forma, já se observava a presença de novos sujeitos, melhor dizendo, de um olhar sobre as pessoas que não as homogeneizasse e sim as especificasse em seus problemas, questões, direitos e em suas percepções sobre si mesma e seus agravos. O dossiê quis ampliar a visibilidade desses temas e sujeitos, e ao mesmo tempo evidenciar que sim, a Comunicação e Saúde é uma área do conhecimento que pode ajudar a compreender esse nosso mundo. Não só ajudar a dar inteligibilidade, mas ajudar

3 Termo criado pela OMS, para designar a intensa circulação de notícias sobre a pandemia que não correspondiam à orientação oficial sobre os agentes, formas de prevenção e controle da Covid-19.

4 Palavra usada na maioria dos contextos para designar a atitude de negar a legitimidade dos conhecimentos científicos reconhecidos no mundo ocidental, que em grande parte está na origem de notícias falsas sobre a pandemia.



a ver o que não está visível pelo processo de naturalização do olhar, provocado amplamente por todos os dispositivos – midiáticos e institucionais – que são como todos os demais, lugares de produção de um modo de ver. Todo modo de ver evidencia algo e, ao fazer isto, joga sombra sobre outro algo. Se amplifica algumas vozes, silencia outras. A produção de sentidos sobre as coisas da vida e do mundo é uma permanente disputa. Esse Dossiê quer dizer, através dos trabalhos que recebeu, que estamos, todos desse campo, na disputa simbólica, na disputa pelo poder de fazer ver e fazer crer⁵. E que queremos ir além do que sempre esteve estabelecido como modo de ver a saúde, em sua poderosa interface com a comunicação.

Porém, esse cenário e o fluxo das ideias e ações foram atravessados pela pandemia da Covid-19, que, se por um lado “parou o mundo”; por outro, deu centralidade à Comunicação e à Saúde, ao lado da Ciência. A comunicação – a digital – ocupou o lugar quase exclusivo da mediação do mundo e a saúde, de forma muito mais contundente, representou uma luta de vida ou morte. A dupla mediação da Vida, representada no enunciado Comunicação e Saúde, mais que nunca esteve em evidência: a Saúde, pela qual se proporcionaliza a Vida; a Comunicação, pela qual se atribui sentidos à Vida.

Mas, não queríamos falar só da pandemia da Covid-19, uma vez que ela ocorreu num mundo que não havia resolvido seus velhos problemas. Estávamos nos debatendo – na América Latina como em toda parte – com as recorrentes questões relacionadas à desigualdade social, ao racismo, ao sexismo, à xenofobia, questões entre outras que nos remetem inapelavelmente para temas como o negligenciamento em saúde, as migrações forçadas, o permanente ataque às po-

pulações originárias pela cobiça de suas terras e no que nelas existe, a violência seletiva contra os mais fracos – os pobres, os negros, as minorias étnicas, as mulheres. Questões sobre o crescente desmonte dos Direitos Humanos e Sociais, a progressiva depreciação do trabalho e de suas garantias legais, a agressão ao meio ambiente com fortes repercussões na saúde e na continuidade da vida no planeta, o investimento contra os sistemas públicos de saúde, contra os sistemas de proteção social, de modo geral. E tantas outras coisas que a pandemia agravou, ao chegar, além de trazer seus imensos desafios teóricos, epistemológicos, metodológicos, políticos e de ação concreta da sociedade.

Convocamos, então, os pesquisadores a escreverem sobre suas investigações, sob o ângulo dos desafios que o mundo enfrenta, buscando ver neles a dimensão da interface Comunicação e Saúde. Os trabalhos que acorreram falam disto, de vários modos e por vários ângulos. Uma parte deles fala de Covid-19, a maioria como pano de fundo circunstancial que confere mais nitidez a certos temas e mais visibilidade a alguns sujeitos coletivos; alguns, como uma condição de produção de um pensamento prospectivo. Estes e outros trabalhos sobre objetos diversos, aportaram questões importantes, em temas que permanecem ao longo do tempo e se renovam, temas que consolidam abordagens contemporâneas e temas que convocam a outras perspectivas, sujeitos, metodologias.

2. As muitas vozes

Assim, a promoção da saúde foi questionada por sua abordagem como panaceia para os males da saúde, que se resolveriam com comunicação, sem um olhar mais profundo dos problemas de saúde envolvidos: “la salud no es la meta sino el punto de partida”, afirmou **Tonatiuh Cabrera**; **Beatriz Fonseca** e **coautoras** trazem o Rádio para o centro das atenções; **Janet García** e **Lilia**

⁵ Expressão de Pierre Bourdieu, que traduz com simplicidade o conceito de poder simbólico.

Mendoza contribuem com a inclusão da comunicação de risco, percebida como um como “un procedimiento de interacción y reciprocidad de información”.

O potencial comunicacional dos influenciadores digitais está em cena através do texto de **Luisa Massarani** e **coautores**, observados pelo enfoque predominante ao falar da Covid-19; o atravessamento tenso dos campos político, sanitário e comunicacional é delineado por **Izani Mustafá** e **Erivelto Amarante**; a construção discursiva da vacina é analisada por **Milca Cuberli** e **Valéria Albardonedo**, que aprofundam “una línea de investigación del campo comunicación y salud: las relaciones entre acción política, noticiabilidad y conciencia pública en ciencia y salud”. É também através da análise discursiva da vacina que **Wedencley Alves** e **coautores** falam dos modos de subjetivação contemporânea e ressaltam que “o processo de biomedicalização da cultura contemporânea não pode ser dissociado dos processos de midiaticização dos discursos biomédicos”, alertando para o lugar da mídia na construção do imaginário de uma espécie de triunfalismo biomédico e biotecnológico junto à sociedade; dilemas que os trabalhadores enfrentam em todo o mundo, no cenário de crise econômica e prevalência da perspectiva neo-liberal, são analisados em seu agravamento pela pandemia, através do olhar de **Roseli Figaro** e **coautores** sobre o trabalho do comunicador.

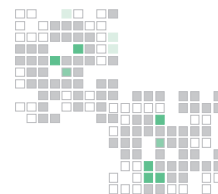
Dando centralidade à cultura, **Ismael Colín** mostra a relação entre os processos identitários, a cultura e a saúde, que só faz sentido quando é comunitária; a cultura, atravessada pela noção de território, também está em cena pelas mãos de **Douglas Colarés** e **Marcia Lisboa**, que alertam para a necessidade de se observar a convergência de matrizes culturais; o território também ganha relevo em três outros textos: na metodologia e nos resultados da pesquisa de **Daniela Savaget**, que vai em busca da percepção da pobreza pelos

que a vivenciam; como eixo estruturante do trabalho de **Fabiana Sousa** e **coautores**, que buscam dar “visibilidade às experiências e aos saberes dos agentes sociais do lugar”, enquanto discutem os aprendizados com os usos, em pesquisa, das redes sociais de favelas; e análise de **Paola Primo** e **coautores** sobre disputas discursivas entre a mídia de atingidos por crimes ambientais e a mídia institucional, apontando “a importância dos discursos e seu caráter socialmente constitutivo na perpetuação do poder, mas também como foco de luta para desarticular certas hegemonias”.

Esses trabalhos também têm em comum conferir visibilidade a sujeitos coletivos cuja presença nos temas da Comunicação e Saúde é ainda pequena, tanto em termos comparativos, como em relação à sua importância. Eles contemplam comunidades indígenas, habitantes de regiões periféricas⁶ das grandes metrópoles, comunidades rurais atingidas por crimes ambientais, pessoas em situação de rua. Dois outros trabalhos trazem as mulheres como sujeitos, observando como a pandemia operou sobre uma exclusão já existente, ao mesmo tempo contribuindo para agravá-la: **Patrícia Saldanha** e **Carla Felix**, falando da dupla exclusão das mulheres negras, alertam sobre a relação entre adoecimento e desigualdades produzidas na interseccionalidade; **Claudia Lago** e **coautoras**, em análise de mídia, constatam que a dimensão da equidade de gênero é praticamente inexistente e os estereótipos são reafirmados. Já **Maria Natália Ramos** aponta com contundência a situação dramática das populações migrantes e refugiados, analisando sua situação para que lhes seja oferecida assistência em saúde e o lugar da Comunicação nesse imenso desafio.

Três trabalhos nos propõem reflexões pouco

⁶ O sentido de periférico aqui se estende para além da localização geográfica, abrangendo toda forma de vida social que é submetida a processos de exclusão. Note-se também que periférico é um termo autocêntrico, produzido por quem se percebe como centro dos processos sociais.



habituais. **Raquel Aguiar** e **Inesita Araújo** trabalham sobre a ideia de Viroceno, “como termo sintético da era em que, de forma atípica (...) o vírus influencia, em ampla magnitude, o ambiente e as diversas formas de vida, inclusive e fortemente a vida social”. Esse contexto “superlativiza o medo e radicaliza o biopoder”. Abordando as narrativas da superação, do heroísmo e do ‘novo normal’, as autoras sugerem seu caráter moralizante. Por sua vez, considerando a existência de uma “biopolítica marcada pela tecnociência e pelas lógicas de mercado”, no contexto das culturas do consumo no Brasil, **Tania Hoff** e **Ana Catarina Holtz** trazem o tema das narrativas autobiográficas através dos testes de ancestralidade. As autoras advertem que “as narrativas autobiográficas possíveis no contexto das contemporâneas culturas do consumo promovem a autogestão da vida e a tecnologia como promotora de conhecimento sobre memória, história e cultura, a serviço da promoção da individualidade e da otimização da performance”. **Manuela Vieira** e **Vitória Galvão** buscaram compreender “como a vivência dos dias da pandemia influenciou nas rotinas, sobretudo comunicacionais e interacionais”. As autoras defendem que a vivência da pandemia provoca a necessidade de novos marcos de comunicação, mas alertam tanto quanto a necessidade de levar em conta as desigualdades das estruturas sociais, como aprofundar a problematização dos objetos para além de seus usos finais, compreendendo “os processos que as formam a partir do fluxo e das transformações das coisas e das pessoas”.

O tema da circulação está presente no dossiê, de forma mais direta, em dois trabalhos. **Daniela Muzi** e **Janine Cardoso** apresentam um método de análise da circulação de vídeos no Youtube, elaborado sob o signo das mediações sociotécnicas e tomando o parto e a violência obstétrica como conteúdo específico de interesse. Como contexto mais amplo, as autoras têm os “desafios para a pesquisa e a ação comprometidas com a

democratização da saúde”. **Antônio Fausto Neto**, também discute circulação, sob outra chave. Trabalhando com a ideia de ambiência midiática e midiaticização, analisa a circulação de sentidos sobre o novo coronavírus, a partir das imagens que as mídias circularam e aponta uma convergência nessa produção semiológica de múltiplos protocolos, com diversos níveis de mediação, que vão do laboratório aos dispositivos individuais de atribuição de sentidos. **José Luís Terrón** nos fala igualmente de imagens, mas seu tema é “la fotografía, como objeto y como manifestación de una moral hegemónica, en el campo de la comunicación y salud”, que ele desenvolve através de reflexões sobre a representação pela fotografia da pandemia – a doença, a morte, o luto. O autor nos alerta sobre a falta que padece nosso campo de estudos mais aprofundados sobre a fotografia, que permitam compreender os processos, protocolos, interesses, injunções tecnológicas e editoriais etc. envolvidos em sua produção, já que são documentos que registram a memória coletiva.

Por fim, o texto de **Silvio Waisbord** aponta as lições que a pandemia da Covid-19 traz para todos que atuamos no campo da Comunicação e Saúde, ao desvelar uma nova ordem comunicacional que nos exige repensar “las limitaciones de visiones tradicionales sobre el papel de la ciencia y el sanitarismo en la comunicación pública” e nos convoca a compreender essa nova ordem, sem o que vê como “imposible definir posibilidades, oportunidades, y obstáculos para la comunicación en la salud pública contemporánea”. A percepção de Waisbord abre espaço para que possamos concluir essas notas introdutórias ao dossiê.

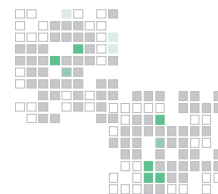
3. Um campo, muitas vozes, antigos e novos desafios

Este dossiê resultou da reunião de diversas vozes, originadas de diferentes lugares, formações acadêmicas e inserções institucionais. Elas falam

de um campo – o da Comunicação e Saúde – que tem uma história passada, investimentos no presente e cujos atores têm grandes desafios para o futuro imediato. Alguns muito antigos, que nem por isto devem ser abandonados: ao contrário, seu enfrentamento é urgente e necessário, porque representam justamente os pontos de resistência de velhos modelos de ação ancorados em teorias que corresponderam às necessidades de outros tempos e outros atores sociais. Urgentes, também, porque operam como barreiras para que possamos avançar – em consonância com os movimentos de outros campos, na direção da construção de uma sociedade mais justa e com melhor distribuição dos seus bens. Outros, que emergiram principalmente com o desenvolvimento tecnológico digital, ainda carecem de melhor delineamento, embora já estejam sendo sinalizados por vários de nós. E todos, antigos e novos, precisam ser reformulados à luz do que aprendemos com e na pandemia da Covid-19, com o entendimento que não será mais possível manter a mesma ordem comunicacional.

Muitos desses desafios foram enunciados pelas vozes do dossiê. Voltando a alguns deles e acrescentando outros, um rol inicial poderia ser:

- Compreender a dimensão comunicacional dos grandes dilemas das sociedades nacional e mundial, e de que modo ela afeta a saúde das pessoas e dos coletivos, de modo a participar – desde a Comunicação e Saúde, dos esforços para seu enfrentamento.
- Ampliar a concepção da comunicação como direito humano e social e produzir metodologias e estratégias de pesquisa e ação que traduzam esse conceito.
- Dar mais espaço para o estudo das convergências, imbricamentos, disputas, entre campos sociais, matrizes culturais, fluxos comunicacionais, sistemas semiológicos.
- Acompanhar o debate sobre o poder das grandes corporações que controlam a vida digital no mundo e de que forma elas podem determinar os conteúdos, e assim o rumo das ideias, das subjetividades e das socialidades, e desta forma da ação sobre o mundo.
- No processo de produção-circulação-apropriação de bens simbólicos, investir mais nos dois últimos, onde se concretiza de fato a produção dos sentidos. Olhar para as novas condições de circulação e apropriação, compreendendo que não há estabilidade nos sentidos nem prerrogativa intocável da “verdade”.
- Não permitir que a determinação tecnológica invisibilize todas as outras, seja na pesquisa (qual é a pergunta a ser respondida?), na ação (quem são os sujeitos?) ou no ensino (ensinar a desnaturalizar).
- Descolonizar a escolha das teorias e das metodologias. Experimentar ou mesmo desenvolver novas metodologias, mais adequadas aos nossos objetos, sujeitos, objetivos e contextos.
- Desnaturalizar, sempre. Com Brecht, desconfiar sempre daquilo que é dado como definitivo, estabelecido, intocável. Compreender e visibilizar aquilo que foi escondido, amplificar as vozes silenciadas por serem dissidentes ou consideradas desimportantes. Qual estratégia de reserva ou manutenção de poder está por trás desses silêncios ou invisibilidades?
- Ter a desigualdade – social, de gênero, geracional, étnica, geográfica/regional, espacial etc. - como eixo analítico que atravessa todos os esquemas conceituais interpretativos e a equidade como conceito iluminador das alternativas, soluções, caminhos.
- Contextos e historicidade são outros eixos



analíticos que nos desafiam.

- Trabalhar na contramão das generalizações. Índios? Mulheres? Jovens? Idosos? Toda generalização apaga as diferenças e a diversidade.
- Buscar uma linguagem da comunicação e saúde que fuja da consolidação de uma abordagem bélica dos contextos epidêmicos e epidemiológicos, apoiando assim os que buscam o fortalecimento de uma Comunicação pela Paz.
- Por fim, o maior desafio, que se superado representaria de fato uma grande mudança nos rumos da Comunicação e Saúde, é trabalhar no sentido da descentralização da enunciação, da abertura de espaços para a fala do Outro. O Outro protagonista, não apenas uma fala do Outro que ilustra o nosso ponto de vista. Do Norte para o Sul (Norte e Sul como metáfora da desigualdade dos poderes), dos centros para as periferias. A descentralização da enunciação é uma estratégia referente à concepção de uma sociedade em que o direito a falar e ser ouvido é redistribuído, sob o princípio da equidade. A descentralização da enunciação é um imenso desafio, tanto no âmbito das estratégias de uma prática de Comunicação e Saúde, como no âmbito das pesquisas, cujas práticas são predominantemente centralizadoras do olhar e da enunciação.

Encerramos os desafios e assim essas notas introdutórias ao Dossiê transcrevendo um trecho da entrevista deste mesmo número, do prof. Valdir Oliveira:

“(...) como comunicadores creio que o nosso dever é o de insistir em seu potencial [da comunicação] de nos reconciliar com a dimensão solidária e profunda da vida humana e com as

outras formas de vida. (...) Tudo isto me leva a crer que, se ainda estamos diante do desafio de avaliar suportes e arquiteturas comunicacionais, estamos também diante da contingência de avaliarmos a comunicação a partir de valores e de processos e de solidariedade capazes de fazer frente a estrutura egoística imposta pela atual estrutura econômica neoliberal. (...) Isto aumenta exponencialmente a responsabilidade dos comunicadores (tanto os estudiosos quanto aqueles que agem diretamente na produção comunicacional), no sentido de agregar valores de esperança e de solidariedade, seja em relação à opressão social, seja em relação ao planeta e ao sofrimento humano.”

E, para finalizar, queremos dizer que uma voz que talvez estivesse aqui presente, se não tivesse sido vitimada pela Covid-19, por ter construído ao lado de todos nós a possibilidade de estarmos hoje reunidos nesse espaço, é a de Ma. Elena Zermeno Espinosa, professora e pesquisadora da Universidad Antónoma de Baja California. Ma. Elena foi, ao lado de alguns outros importantes pesquisadores, uma das responsáveis no México pela consolidação do campo da Comunicação e Saúde. Era também atuante no GT Comunicación y Salud da ALAIC, participando ativamente de todos os congressos. Com um alto sentido de compromisso com o direito das pessoas à saúde, trabalhou incansavelmente na sua universidade para desenvolver uma perspectiva intersetorial e multidimensional que incluísse a comunicação em ações de saúde. Saúde, comunicação, educação e comunidade eram para ela indissociáveis. A Ma. Elena, nossa admiração e nossa homenagem.

Inesita Soares de Araújo

Mónica Petracci